

1.

DUAS SEMANAS ANTES

Sydney

Abro a porta de correr da varanda e saio do apartamento, grata pelo sol já ter baixado atrás do prédio ao lado, deixando o ar mais fresco e uma temperatura que poderia muito bem ser de outono. Quase na mesma hora, o som do violão dele percorre o pátio assim que me acomodo na espreguiçadeira. Digo para Tori que venho aqui fora fazer o dever de casa, porque não quero admitir que o violão é o único motivo que me faz sair pontualmente às oito horas todas as noites.

Já faz algumas semanas que o cara do apartamento do outro lado do pátio se senta na varanda e toca por pelo menos uma hora. Eu sempre estou sentada do lado de fora para ouvir.

Notei que alguns vizinhos também ficam na varanda enquanto ele toca, mas ninguém é tão leal quanto eu. Não entendo como é que alguém pode ouvir essas músicas e não sentir vontade de ouvi-las todos os dias. Mas a música sempre foi uma das minhas paixões, então, talvez eu só esteja um pouco mais enfeitiçada pelo som do que as outras pessoas. Toco piano desde que me entendo por gente e, embora nunca tenha mostrado para ninguém, adoro compor. Cheguei inclusive a trocar de curso na faculdade há dois anos. Quero ser professora de música do ensino fundamental, mas se meu pai tivesse conseguido me convencer, eu teria continuado no curso preparatório de Direito.

— Uma vida medíocre é um desperdício — dissera ele quando contei que estava trocando de curso.

Uma vida medíocre. Acho isso mais divertido do que ofensivo, pois meu pai parece ser a pessoa mais insatisfeita que conheço. E ele é advogado. Vai entender...

Uma das músicas que já me é familiar termina, e o cara com o violão começa a tocar algo novo. Eu já estava acostumada com sua seleção não oficial, porque ele parecia ensaiar as mesmas músicas em ordem todas as noites. No entanto, nunca ouvi esta canção específica. O modo com que repete os mesmos acordes me faz imaginar que ele estava compondo naquele momento. Gosto de estar testemunhando isso, principalmente porque depois de apenas alguns acordes, tornou-se minha favorita. Todas as músicas parecem ter sido compostas por ele. Fico me perguntando se ele toca em algum lugar ou se apenas compõe por prazer.

Eu me inclino para a frente na cadeira, apoio o braço na beirada da varanda e olho para ele. Sua varanda fica bem do lado oposto do pátio, distante o suficiente para eu não me sentir estranha de estar observando, mas perto o bastante para me certificar de que Hunter nunca está por perto. Acho que Hunter não gostaria de saber que tenho uma queda pelo talento desse cara.

Mas não posso negar. Qualquer um que veja como esse garoto toca de forma apaixonada se sentiria desse jeito. O modo como ele mantém os olhos fechados o tempo todo, concentrando-se totalmente em cada uma das cordas do violão. Gosto ainda mais quando ele se senta com as pernas cruzadas e posiciona o violão em pé entre elas. Ele o apoia no peito e toca como se fosse um contrabaixo acústico, o tempo inteiro de olhos fechados. É tão fascinante assistir que, às vezes, me flagro prendendo a respiração, e quase não percebo até arfar em busca de ar.

O fato de ser bonito também não ajuda. Pelo menos daqui parece bonito. Seu cabelo castanho-claro é indomável e se mexe junto com ele, caindo na testa toda vez que olha para o violão. Ele está longe demais para eu conseguir distinguir a cor dos seus olhos ou os traços do rosto, mas esses detalhes não importam quando comparados com sua paixão pela música. O cara tem uma confiança que considero

irresistível. Sempre admirei músicos capazes de se desligar de tudo e de todos à sua volta e de se concentrar totalmente na própria música. Ser capaz de se desligar do mundo e de permitir se levar por completo é algo que sempre quis ter confiança para fazer, mas simplesmente não tenho.

Esse cara tem. Ele é confiante e talentoso. Sempre tive um fraco por músicos, porém, era mais como uma fantasia. Eram um tipo diferente. Um tipo que raramente dava bons namorados.

Ele olha para mim como se fosse capaz de ouvir meus pensamentos, depois um sorriso surge lentamente em seu rosto. Ele não para de tocar em momento algum enquanto fica olhando para mim. O contato visual me faz corar, então pego meu caderno e baixo os olhos. Odeio o fato de ele ter me flagrado encarando-o de forma tão intensa. Não que eu estivesse fazendo algo de errado, só achava que devia ser estranho que ele soubesse que eu estava assistindo enquanto tocava. Arrisco olhar outra vez e ele continua me encarando, só que não está mais sorrindo. O jeito que me olha faz meu coração disparar, por isso desvio os olhos para o caderno.

Você está parecendo uma doida, Sydney.

— Aí está minha garota — diz uma voz acolhedora atrás de mim.

Me viro para encontrar Hunter vindo para a varanda. Tento disfarçar o meu choque ao vê-lo, porque tenho certeza de que eu deveria lembrar que ele viria.

Para a remota possibilidade de o Cara do Violão ainda estar olhando, me esforço para parecer bem envolvida no beijo de Hunter para talvez parecer menos doida e mais uma pessoa que está apenas relaxando na varanda. Passo a mão no pescoço de Hunter quando ele se inclina por trás da cadeira e me beija.

— Chegue um pouco para a frente — pede Hunter, empurrando meu ombro.

Faço o que ele pede e escorrego um pouco na cadeira para que ele possa erguer a perna e se acomodar atrás de mim. Ele me puxa e me encosto em seu peito enquanto ele coloca os braços em volta de mim.

Meus olhos me traem quando o som do violão para abruptamente, e olho outra vez para o outro lado do pátio. O Cara do Violão está nos encarando sério enquanto se levanta e entra no apartamento. Ele está com uma expressão esquisita. Quase zangada.

— Como foi a faculdade? — pergunta Hunter.

— Chato demais para eu querer te contar. E você? Como foi o trabalho?

— Interessante — responde ele, afastando meu cabelo do pescoço. Depois pressiona os lábios e desce até a base do pescoço.

— O que foi tão interessante?

Ele me abraça mais forte e apoia o queixo no meu ombro, enquanto me puxa para perto.

— Aconteceu uma coisa muito estranha no almoço — conta ele. — Eu estava com um colega em um restaurante italiano. Estávamos comendo do lado de fora e eu tinha acabado de perguntar ao garçom o que ele recomendava para a sobremesa quando uma viatura da polícia virou a esquina. Pararam bem em frente ao restaurante e dois policiais saíram de arma nas mãos. Começaram a gritar com a gente e nosso garçom exclamou “Merda!”. Ele ergueu lentamente as mãos, e os policiais pularam a cerca em sua direção, jogaram o cara no chão e o algemaram bem na nossa frente. Depois disso, disseram os direitos dele, o fizeram levantar e o escoltaram até a viatura. O garçom se virou para nós e gritou “O *tiramisu* é ótimo!”. Depois, os policiais o colocaram no carro e foram embora.

Virei a cabeça para olhá-lo.

— Sério? Isso aconteceu mesmo?

Ele assente, rindo.

— Juro, Syd. Foi louco.

— E aí? Vocês pediram o *tiramisu*?

— Ah, claro que sim. E foi o melhor que já comi. — Ele me dá um beijo no rosto e logo depois me afasta. — Falando em comida, estou morrendo de fome. — Ele se levanta e estende a mão para mim. — Vocês cozinharam alguma coisa essa noite? Pego sua mão e ele me levanta.

— Só comemos uma salada, mas posso preparar uma para você.

Quando entramos, Hunter se senta no sofá ao lado de Tori. Ela está com um livro da faculdade aberto no colo e divide a atenção entre o estudo e a TV. Tiro alguns potes da geladeira e preparo uma salada para ele. Sinto-me um pouco culpada por ter me esquecido de que ele viria esta noite. Costumo deixar algo pronto quando sei que ele vem.

Já faz quase dois anos que estamos namorando. Eu o conheci no meu segundo ano de faculdade, quando ele já estava no último. Hunter e Tori eram amigos há anos. Depois que ela se mudou para o meu dormitório, nos tornamos amigas e ela insistiu para que eu o conhecesse. Disse que tínhamos tudo a ver, e estava certa. Começamos a namorar depois de dois encontros e tudo era maravilhoso desde então.

É claro que tínhamos nossos altos e baixos, principalmente depois que ele se mudou para um lugar que fica a uma hora de distância. Quando arranhou um emprego em uma empresa de contabilidade no último semestre, sugeri que morássemos juntos. Mas eu neguei, explicando que queria me formar antes de dar um passo tão grande quanto esse. Para ser totalmente sincera, estou apenas com medo.

Pensar em morar com ele parece algo tão definitivo, como se eu fosse selar meu destino. Sei que assim que tomarmos essa decisão, o próximo passo é o casamento e, depois, nunca mais teremos a chance de morarmos sozinhos. Sempre dividi apartamento com alguém e, até poder me sustentar sozinha, vou morar com Tori. Ainda não contei para Hunter, mas quero passar um ano morando sozinha. Prometi a mim mesma que faria isso antes de me casar. Vou fazer 22 anos daqui a duas semanas, então, não preciso ter pressa.

Levo a salada para Hunter na sala.

— Por que você assiste a esse programa? — pergunta ele a Tori.
— Essas mulheres só falam merda uma das outras e brigam o tempo todo.

— É exatamente por isso que assisto — explica Tori sem tirar os olhos da TV.

Hunter pisca para mim antes de pegar a comida, e em seguida apoia os pés na mesa de centro.

— Obrigado, amor. — Ele se vira para a TV e começa a comer.
— Pode pegar uma cerveja para mim?

Concordo e volto para a cozinha. Abro a geladeira e dou uma olhada na prateleira onde ele sempre deixa sua cerveja. Percebo que estou olhando para a prateleira “dele”, e que provavelmente é assim que tudo começa. Primeiro, ele tem uma prateleira na geladeira. Depois, deixa uma escova de dentes no banheiro, tem uma gaveta na minha cômoda e, por fim, as coisas dele se misturam com as minhas de tantas formas que se tornará impossível ficar sozinha outra vez.

Esfrego os braços para espantar o incômodo repentino que começo a sentir. Parece que estou assistindo ao meu futuro se desenrolar diante dos meus olhos. Não tenho certeza se gosto do que estou imaginando.

Será que estou pronta para isso?

Será que estou pronta para ele virar o cara para quem levo o jantar todas as noites quando chega em casa do trabalho?

Será que já estou pronta para mergulhar nessa vida confortável com ele? Uma vida em que dou aulas o dia inteiro e ele cuida do imposto das pessoas e, então, chegamos em casa, eu preparo o jantar e “pego cerveja” enquanto ele apoia o pé na mesa de centro e me chama de *amor*, depois vamos para a cama e transamos por volta das nove da noite para não ficarmos cansados demais no dia seguinte, pois temos que acordar cedo e recomeçar tudo de novo?

— Planeta Terra para Sydney — chama Hunter. Ouço ele estalar os dedos duas vezes. — Cerveja? Por favor, amor.

Pego rapidamente a cerveja dele, lhe entrego e vou direto para meu banheiro. Ligo o chuveiro, mas não entro. Em vez disso, tranco a porta e escorrego até o chão.

Temos um bom relacionamento. Hunter é bom para mim, e sei que me ama. Só não entendo por que todas as vezes em que penso em um futuro com ele, esse não é um pensamento animador.

Ridge

Maggie se inclina para a frente e beija minha testa.

Tenho que ir.

Estou deitado de costas com os ombros e a cabeça apoiados na cabeceira da cama. Ela está montada em mim e tem um olhar triste. Odeio o fato de estarmos vivendo tão longe, mas isso faz o tempo que passamos juntos muito mais significativo. Pego sua mão para que ela se cale e a puxo para mim, na esperança de convencê-la a não ir ainda.

Ela ri e balança a cabeça. Depois me beija, mas brevemente, então se afasta de novo. Sai do meu colo, mas não permito que se afaste muito, antes de me virar e prendê-la no colchão com meu corpo. Aponto para o peito dela.

Você, beijo a ponta do seu nariz, tem que ficar mais uma noite.

Não posso. Tenho aula.

Agarro os pulsos dela e os prendo acima da sua cabeça, em seguida encosto os lábios nos dela. Sei que ela não ficará mais uma noite. Maggie nunca faltou sequer uma aula na vida, a não ser que estivesse doente demais para se mexer. Eu meio que queria que ela estivesse doente neste momento, para que pudesse obrigá-la a ficar na cama comigo.

Escorrego minhas mãos devagar pelos seus pulsos, até envolver seu rosto. E a beijo mais uma vez antes de, relutante, deixá-la se afastar.

Vá. E tome cuidado. Me avise quando chegar em casa.

Ela assente e sai da cama. Aproxima-se de mim para pegar sua camiseta. Observo-a andar pelo quarto juntando suas roupas que eu tirara com tanta pressa.

Depois de cinco anos de namoro, a maioria dos casais já estaria morando junto. Entretanto, a cara metade de grande parte das pessoas não é Maggie. Ela é tão independente que chega a intimidar. Mas é compreensível, considerando tudo que já passou na vida. Desde que

a conheci, ela cuida do avô. Antes disso, passou a maior parte da adolescência ajudando-o a cuidar da avó, que morreu quando ela estava com 16 anos. Agora que o avô está morando em um lar para idosos, ela finalmente tem a chance de morar sozinha até terminar a faculdade e, por mais que eu a queira aqui comigo, também sei como esse estágio é importante para ela. Por essa razão, durante o próximo ano terei que aceitar que ela vai ficar em San Antonio, enquanto continuarei em Austin. Eu nunca sairia daqui, ainda mais para morar em San Antonio.

A não ser que ela pedisse, é claro.

Diga para seu irmão que desejei boa sorte, ela está na porta do meu quarto, pronta para ir embora. E você precisa parar de se castigar, Ridge. Músicos têm bloqueios, assim como os escritores. Você vai encontrar sua musa de novo. Amo você.

Eu também.

Ela sorri e saiu do quarto. Resmungo, sabendo que ela está tentando ser otimista com todo esse lance de bloqueio, mas não consigo parar de me preocupar com isso. Não sei se é porque Brennan quer tanto essas músicas agora ou se é porque estou completamente exausto, mas as palavras não vêm. Tenho certeza de que sem a letra da música fica muito difícil me sentir bem sobre o processo de criação musical.

Meu celular vibra. É uma mensagem de Brennan, que só me faz sentir pior por estar enfrentando um bloqueio.

Brennan: Já faz algumas semanas. Tem alguma coisa?

Eu: Estou trabalhando nisso. Como está a turnê?

Brennan: Bem, mas da próxima vez me lembre de não deixar Warren marcar tantos shows.

Eu: É o show que deixa seu nome em evidência.

Brennan: NOSSO nome. Já falei para você parar de agir como se não fizesse parte disso.

Eu: Não serei parte disso se não superar esse maldito bloqueio.

Brennan: Talvez você devesse sair mais. Arranjar um pouco mais de drama desnecessário na vida. Termine com Maggie em nome da arte. Ela vai entender. Um coração partido ajuda na inspiração musical. Você não ouve country?

Eu: Boa ideia. Vou dizer a Maggie que você sugeriu isso.

Brennan: Nada do que eu disser vai fazer Maggie me odiar. Mande um beijo para ela e vá trabalhar. Nossa carreira depende de você.

Eu: Babaca.

Brennan: Ah! Estou sentindo raiva na sua mensagem. Use isso. Vá escrever uma música raivosa sobre como odeia seu irmão mais novo e mande para mim ;)

Eu: Tá bem. Vou mandar para você assim que me livrar de todas as merdas do seu antigo quarto. A irmã da Bridgette deve se mudar mês que vem.

Brennan: Você já conhece Brandi?

Eu: Não. Será que quero?

Brennan: Só se você quiser morar com duas Bridgette.

Eu: Ah, merda.

Brennan: Exatamente. Vou nessa.

Fecho as mensagens de Brennan e abro as de Warren.

Eu: Acho que podemos começar a procurar uma pessoa para dividir o apartamento. Brennan vetou Brandi. Vou deixar você contar para Bridgette, porque vocês se dão tão bem.

Warren: Filho da puta.

Rio, saio da cama e sigo para o pátio com meu violão. Já são quase oito da noite e sei que ela estará na varanda. Não tenho certeza se o que estou prestes a fazer será estranho para ela, mas só posso tentar. Não tenho nada a perder.